



O QUE AS HISTÓRIAS DE EGRESSOS(AS) DE UM CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS PODERIAM REVELAR SOBRE A EAD NA UNIVERSIDADE?

WHAT COULD THE STORIES OF GRADUATES FROM A VISUAL ARTS EDUCATION COURSE REVEAL ABOUT DISTANCE LEARNING (EAD) AT THE UNIVERSITY?

Lilian Ucker Perottoⁱ
Universidade Federal de Goiás

RESUMO

Neste artigo, abordo reflexões de uma pesquisa em desenvolvimento sobre as experiências de ensino e aprendizagem de egressos(as) de um curso de licenciatura em artes visuais a distância. Destaco a educação a distância sob uma perspectiva histórica, explorando como as tecnologias ao longo das gerações têm reconfigurado o processo de comunicação nesse contexto. Também discuto sobre o impacto da EaD no ensino superior, expondo as motivações que me impulsionaram a conduzir esta pesquisa, fundamentadas inicialmente em minha própria vivência. Além disso, confronto estatísticas para evidenciar a importância dos relatos de vida na desconstrução de preconceitos em relação à EaD.

PALAVRAS-CHAVE

Educação a distância. Formação de arte-educadores. Relatos de vidas. Ensino superior.

ABSTRACT

In this article, I address reflections from an ongoing research project concerning the teaching and learning experiences of graduates from a distance learning Visual Arts Education program. I emphasize distance education from a historical perspective, exploring how technologies across generations have reshaped the communication process in this context. I also discuss the impact of distance education on higher learning, exposing the motivations that initially drove me to conduct this research, rooted in my own experiences. Furthermore, I juxtapose statistics to underscore the significance of the life stories in dismantling prejudices regarding distance education.

KEYWORDS

Distance education. Training of art educators. Life stories. Higher education.



Ao longo das últimas décadas, passamos a acompanhar um crescimento vertiginoso da oferta de cursos a distância no ensino superior brasileiro. Propagandas na televisão, o apelo de famosos nas mídias sociais, atrativas imagens em outdoors espalhados pela cidade e os números do censo que confirmam esta expansão e demonstram que a modalidade pode e deve crescer ainda mais, principalmente depois da experiência com o ensino remoto emergencial devido o fechamento generalizado de escolas, universidades e instituições de ensino em todo o mundo durante a pandemia de COVID-19.

As justificativas para a oferta de cursos a distância em instituições de nível superior são inúmeras: oportunidade para aqueles que não moram nos grandes centros ou que não dispõem de tempo para deslocar-se até uma instituição de ensino superior, a urgência em cumprir a meta 12 do Plano Nacional de Educação (PNE - 2014/2024) que objetiva "elevar a taxa bruta de matrícula na educação superior para 50% (cinquenta por cento) [...]" (PNE, 2014) através da estratégia 12.1 que indica a ampliação de vagas no ensino superior através do sistema da Universidade Aberta do Brasil, e ainda um mercado lucrativo para as chamadas instituições privadas.

Entre argumentos que vão do compromisso social e político ao acesso a universidade e as questões que envolvem o sistema capitalista de mercado, a educação a distância tem mobilizado discussões fervorosas tanto por parte dos profissionais que atuam na educação, como daqueles que cogitam um dia tornar-se um(a) estudante nesta modalidade. Questiona-se a qualidade dos cursos e a oferta em massa, principalmente pela rede privada de ensino superior. Através de uma visão muitas vezes reducionista, ignora-se não só o seu potencial para a democratização do ensino, mas também as contribuições que a EaD pode oferecer a educação superior a partir do uso das Tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), como vimos por exemplo, durante a suspensão das aulas presenciais durante a pandemia da COVID-19.



São muitas as tensões que entram em cena quando o tema gira em torno da oferta dos cursos a distância. Neste sentido e desde um posicionamento crítico, tenho tentado pensar a partir da minha experiência com a educação a distância na universidade, de que forma posso (podemos) contribuir para que certas resistências a Ead, que subvalorizam tal modalidade, diminuam ou sejam extinguidas.

Diante de tal problemática e da necessidade de refletir criticamente sobre a situação da educação a distância na universidade, acredito que a pesquisa científica seja um dos caminhos para que certos preconceitos com esta modalidade de ensino sejam desconstruídos. Além disso, a pesquisa é um dos modos em que práticas e histórias possam ser compartilhadas e logo revisadas.

Com base no exposto anteriormente, compartilharei neste artigo reflexões de uma pesquisa que venho desenvolvendo e que tem como tema as histórias de ensinar/aprender de egressos(as) de um curso de Licenciatura em Artes Visuais a distância da Faculdade de Artes Visuais (UFG). No primeiro tópico deste texto, a educação a distância ganha destaque sob a perspectiva histórica. Por um lado, apresento o modo como as tecnologias a partir das gerações foram reconfigurando o processo de comunicação entre os atores que atuam na modalidade, e por outro, abro espaço para pensar a relação entre universidade e os motivos pelas quais a Ead tem ganhado espaço no ensino superior. A seguir, reconstruo a partir da minha própria experiência com a educação a distância na universidade, as razões que me levaram a investir na pesquisa que está em desenvolvimento. Compartilho histórias tentando contrapor os números e evidenciar a importância dos relatos biográficos na desconstrução dos preconceitos em relação a Ead. Finalizo o texto levantando possíveis questões e desafios que a pesquisa aponta.

A Ead e sua perspectiva histórica

Recordo que quando ingressei como discente na universidade, para cursar Bacharelado em Artes Visuais, aproximadamente 25 anos atrás, a oferta de cursos a distância ainda era bastante tímida se comparada aos tempos atuais. Apesar de que naquela época já vivenciávamos a 5ª geração de educação a distância (MOORE,



KEARSLEY, 2008), caracterizada pela internet/web, desconhecia que outra modalidade, além da presencial, ganhava espaço na agenda do ensino superior e nem mesmo que já era uma modalidade educacional prevista formal e legalmente no Brasil desde 1996 através do art. 80 da LDB n. 9394 (MILL, 2018).

É importante destacar que o primeiro registro de educação a distância é datado no ano de 1728 com a oferta de aulas de taquigrafia por correspondência (PASSOS, 2018). No entanto, ela surge "efetivamente" como aponta Mattar (apud PASSOS, 2018) em meados do século XX com o desenvolvimento dos meios de comunicação e transporte. A respeito da 1ª geração de EaD, Moore e Kearsley (2008) apresentam detalhadamente como o sistema postal contribuiu para que a educação por correspondência se consolidasse internacionalmente. Os autores destacam que o uso da correspondência tinha como justificativa principal alcançar um público que de outra forma não poderia se beneficiar dela, como por exemplo, mulheres que não tinham acesso às instituições educacionais formais por viver em regiões agrícolas (MOORE, KEARSLEY, 2008, p. 27).

O rádio e a televisão foram destaque para a 2ª geração da EaD. Neste período, que corresponde aproximadamente de 1960 a 1985, a comunicação ainda é unidirecional. Dos programas de televisão educativa, que evoluem com a presença de outras mídias como as fitas de áudio, vídeo e o telefone (PASSOS, 2018, p. 27), passamos para a 3ª geração, que é caracterizada pela criação das universidades abertas, com destaque a Open University. A teleconferência marca a 4ª geração, que vai permitir uma comunicação bidirecional entre aluno e professor. Podemos afirmar que estamos na 5ª geração, reconhecida pelo ensino através da internet e web. É nesta geração, onde temos o ensino aberto, flexível e interativo, e, portanto, a integração das mídias de todas as gerações.

Em relação às mudanças de uma geração a outra, Mill destaca que cada geração foi caracterizada "pelos tipos de tecnologias adotadas para os processos de comunicação e interação entre educador e educando" (2018, p. 202). Para Passos (2018, p. 32) cada nova geração tornava o processo de comunicação mais interativo "sendo que cada geração foi construída a partir da outra, ao invés de substituí-la".



De geração a geração, as universidades foram se transformando, e o impacto das tecnologias digitais de informação e comunicação têm contribuído de maneira significativa para que as instituições passem de um paradigma instrucional da universidade moderna para a universidade virtual e global do futuro (TIFFIN, RAJASINGHAM, 2007). Mill (2018, p. 17) argumenta sobre o "redimensionamento espaçotemporal" impulsionado pelas TDIC onde as experiências humanas em geral foram intensamente transformadas, incluindo as "experiências formativas e as relações com o saber e o conhecimento científico".

Retomando a expressão proposta por Tiffin e Rajasingham (2007, p. 68) anteriormente, o chamado paradigma de ensino da universidade moderna, é denominado como a velha episteme e definida a partir das seguintes características: centrada no professor, baseada no conhecimento, aprendizagem cerrada, autoritária, estudo individual, face a face e papel, sala de aula e administrada pelo professor. Para Tiffin e Rajasingham (2007, p. 89) o ensino definido como "um processo de comunicação que ocorre tanto com o professor quanto com os alunos" deve refletir o tempo em que os processos de comunicação ocorrem no momento, ou seja,

não há por que ensinar os alunos a escrever com pena e pergaminho se o mundo está usando os computadores. O modo como as pessoas ensinam e aprendem, assim como o conteúdo e a instrução, tem de estar de acordo com as expectativas da sociedade sobre como as coisas são feitas, e isso é mais do que ser capaz de usar os meios de comunicação atuais (TIFFIN; RAJASINGHAM, 2007, p. 68).

A 'nova episteme', proposta por Tiffin e Rajasingham (2007, p. 68) para uma universidade virtual e global, libertaria a aprendizagem do tempo e do espaço, já que seria desenvolvida através da internet, automatizada pelo computador e por meio de HiperAulas, que conforme os autores, agregam mais funções que uma sala de aula convencional.

Se remontarmos ao contexto brasileiro de ensino superior e aos elementos que caracterizam a educação a distância, nos aproximaremos das características propostas por Tiffin e Rajasingham (2007) em relação a 'nova' episteme. Apesar da



grande parte de instituições de ensino superior que ofertam cursos a distância no Brasil, se caracterizarem por ser instituições com finalidade dupla, ou seja, "aquela que agrega educação a distância a seu campus previamente estabelecido e ao ensino baseado em classes" (MOORE; KEARSLEY, 2008, p. 4), a educação a distância no Brasil cresce a cada dia reforçando a importância de pensarmos sua oferta como elemento democrático.

Considerada como "uma forma alternativa e complementar para a formação do cidadão (no Brasil e no mundo)", a EaD ainda tem demonstrado um grande potencial para as questões que envolvem o pedagógico e a democratização do conhecimento (MILL, 2018, p. 199). Além disso, pode também "nivelar desigualdades entre grupos étnicos" e ainda "oferecer uma combinação de educação com trabalho e vida familiar" (MOORE; KEARSLEY, 2008, p. 8).

É possível afirmar que com a criação do sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB) em 2005, e regulamentada por sua vez pelo Decreto nº 5.800, de 8 de junho em 2006, a educação a distância no Brasil passou a construir uma nova história, já que seu principal objetivo foi ampliar e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior a distância no país, mas como "uma grande rede de cooperação entre entes federados com o objetivo de implementar um determinado modelo de EaD no setor público" (MILL, 2018, p. 668).

Antes disso, a EaD no Brasil seguiu a tendência das gerações citadas no início deste tópico. Como marco inicial, destaca-se a implantação de escolas internacionais em 1904, representadas pelas organizações norte-americanas e ainda os cursos por correspondência (MAIA; MATTAR, 2007, p. 24). Logo o rádio e a televisão ganham destaque através de iniciativas como o Rádio-Escola (1923) e Rádio Monitor (1939). Em 1941 temos a fundação do Instituto Universal Brasileiro (IUB) que oferece até os dias atuais cursos profissionalizantes, supletivos e técnicos. Cria-se em 1941 o programa Universidade do Ar que é veiculado pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro.

No fim da década de 80, temos um novo cenário para a educação a distância no país com a informatização e a "difusão das línguas estrangeiras" (MAIA; MATTAR, 2007,



27). A informatização contribui então para que as instituições de ensino superior desenvolvam cursos a distância, destacando-se a Universidade de Brasília, que em 1979, através do Programa de Ensino a Distância (PED) ofertou cursos de extensão universitária (MAIA; MATTAR, 2007). Mas o grande marco desta época é a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) onde a educação a distância "deixa de ter um caráter emergencial e supletivo, adquirindo reconhecimento legal em uma série de documentos que procuram definir critérios e normas para a criação de cursos e programas nessa modalidade pelas instituições de ensino" (COSTA, 2014, p, 15). É a partir deste marco, que ações governamentais, como a criação da Secretaria de Educação a Distância (SEED) em 1996 demonstram a intenção do governo em investir na EaD (COSTA, 2014).

Passados anos da promulgação, mesmo com a descontinuidade de alguns projetos e a carência de políticas públicas (COSTA, 2014), o que vemos é um crescimento da EaD e do uso mais frequente das tecnologias digitais de informação e comunicação. Os números do censo comprovam esta expansão. Dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e pelo Ministério da Educação (MEC) no final de 2021 revelam que entre 2011 e 2021, houve um aumento de 474% no número de novos estudantes matriculados em cursos superiores de graduação na modalidade de educação a distância (EaD). No censo de 2021, foram registradas 2.574 instituições de educação superior. Dessas, 87,68% (2.261) eram privadas e 12,2% (313) eram públicas. No contexto das vagas oferecidas, a rede privada foi responsável por 96,4%, enquanto a rede pública contribuiu com 3,6% das ofertas.

Em 2006, quando a Universidade Aberta do Brasil é instituída, instaura-se um novo modelo para a educação a distância no Brasil. O sistema que tem como principal objetivo oferecer "prioritariamente, cursos de licenciatura e de formação inicial e continuada de professores da educação básica" (BRASIL, 2006), opera como "articulador entre as instituições de ensino superior e os gestores estaduais e municipais, para atender as demandas locais por educação superior [...]" (MILL, 2018, p. 668). Criam-se os polos presenciais, entram em cena novos atores como



coordenadores de polo, tutores a distância e presenciais, e aos poucos institui-se novas e distintas dinâmicas dentro das instituições públicas de ensino superior para a oferta dos cursos desta modalidade.

É importante destacar que mesmo com a intensa participação do sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB) através de 109 Instituições Públicas de Ensino Superior, com 800 cursos sendo ofertados em 771 polos de norte a sul do país, os dados confirmam que a oferta da rede privada de ensino é preponderante sobre a pública.

Também é fato que estes números geram muita desconfiança e preocupação, e o que é colocado em pauta é a relação entre expansão x qualidade. Uma das preocupações diz respeito aos números de vagas ofertadas por algumas instituições e como estes números afetam a qualidade dos cursos e consequentemente a formação daqueles(as) que logo estarão atuando. Se os números têm ganhado destaque, nos falta reconhecer que sabemos pouco de como estes cursos têm impactado na sociedade e principalmente, nos municípios onde são ofertados. No tópico a seguir, o foco estará centrado na formação de arte-educadores a distância e na necessidade de conhecer e desvelar as histórias que se escondem atrás dos números.

Sobre as possíveis histórias de ensinar/aprender a distância

Há exatamente 15 anos iniciava minha trajetória com a educação a distância em uma universidade pública brasileira. Antes disso, posso afirmar que como professora, tanto na rede básica como no ensino superior, minha postura refletia o modelo do paradigma de ensino da universidade moderna, o da “velha episteme” (TIFFIN; RAJASINGHAM, 2007, p. 68). Eu acreditava que este era o modelo a ser seguido.

O ensino na universidade moderna está de acordo com um paradigma bem definido em que alunos e professores interagem na aplicação de conhecimento aos problemas por meio de palestras, seminário, tutoriais, textos, atividades, testes e exames. As disciplinas especiais podem ter também outros componentes, mas são esses os elementos básicos e sua aplicação sintagmática tem uma sintaxe sequencial. Os



exames vêm no final, as aulas ocorrem semanalmente e o ensino se dá semestralmente. O paradigma tem-se provado incrivelmente durável e, embora haja razões para preocupação sobre sua eficiência e eficácia, têm funcionado há mil anos [...] (TIFFIN; RAJASINGHAM, 2007, p. 69)

O interesse em pesquisar as histórias de aprendizagem de egressos(as) de turmas de licenciatura em artes visuais a distância ofertadas via Universidade Aberta do Brasil, nasce inicialmente de uma experiência vivida em uma disciplina ministrada para estudantes da primeira turma a distância da Faculdade de Artes Visuais (UFG), onde a partir da revisitação das disciplinas cursadas e da escrita de narrativas de aprendizagem, eles puderam “se apropriar do texto de maneira que a leitura e por sua vez a escrita provocassem o exercício de pensar a si mesmos, sua trajetória no curso e as relações construídas entre a questão do ser, do saber e do aprender” (PEROTTO, 2012, p. 257). Para nós professores(as), nos interessava saber também, o que eles(as) haviam aprendido e como davam sentido a estas aprendizagens no trabalho de conclusão de curso (PEROTTO, 2018). A disciplina de Pesquisa em Ensino de Arte, através das narrativas digitais dos(as) estudantes, mostrou fatos importantes da trajetória deles(as), como a dificuldade com o manejo da plataforma moodle, mas também o desafio em conciliar trabalho, família e universidade. Além disso, os(as) estudantes relataram o pré-conceito do campo de trabalho, ou seja, das escolas, com a modalidade na qual eles(as) estavam se formando.

Diante destas histórias e relatos de vida, o estudo da experiência humana através dos relatos biográficos vinha ganhando cada vez mais espaço em minhas discussões acadêmicas. Imersa na escrita da minha tese de doutorado, cujo tema girava em torno dos relatos biográficos de estudantes brasileiros e do sentido de “ser um estudante internacional”, considerei que estudar as trajetórias e experiências de formação a distância por meio do enfoque biográfico-narrativo não só me permitiria “captar a riqueza e indeterminação das experiências, vincular o conhecimento que surge da própria ação”, mas principalmente “compreender aquilo que a racionalidade lógico-formal deixa marginalizado: conceder voz a experiência do ator social com as intenções e processos sociais de quem a vive” (BOLÍVAR; DOMINGO; FERNÁNDEZ, 2011, p. 58-59).



Contrastando com uma perspectiva que considera a experiência singular das pessoas, na sua dimensão temporal (HERNANDEZ; UCKER, 2013), outro fato corroborou com a minha decisão em trabalhar com o tema das histórias de ensinar/aprender de egressos(as) de um curso a distância, trazendo o enfoque narrativo como método, mas também como fenômeno a ser estudado. No período de 2015-2018 participei de uma pesquisa inter-institucional, cujo tema estava centrado na institucionalização da EaD nas IFES da região centro-oeste. Caracterizada como uma pesquisa qualitativa e comparativa a partir do estudo de múltiplos casos, a pesquisa tinha como objetivo “caracterizar, analisar e comparar em que medida o processo de implementação e institucionalização da modalidade EaD nas IFES da região Centro-Oeste vinha ocorrendo com vistas a identificar sua trajetória (rotina e permanência), ações e projetos, organização e procedimentos”. Participaram desta pesquisa 17 pesquisadores(as) e para a coleta dos dados, organizaram-se grupos em cada instituição de ensino superior que estava sendo investigada. Em um dos encontros realizados para compartilhar o trabalho de campo, cada participante falou de suas impressões e aprendizagens com a pesquisa. Quando fui convidada a falar levantei algumas questões como: o que escondiam os números e gráficos apresentados na pesquisa? Quais histórias estavam por detrás deles? E o que poderiam revelar estas histórias sobre a EaD na universidade?

Neste momento, foi importante revisitar minha relação com a EaD a partir de experiências vividas na universidade. Mesmo que brevemente, foi inevitável não lembrar de alguns dilemas como a descontinuidade das políticas públicas que influenciam na oferta de novas turmas, a precarização e intensificação do trabalho docente, mas também das relações que construímos com os(as) estudantes, da experiência e constituição de um espaço polidocente e dos saberes que se produzem na prática pedagógica a distância. Mesmo entendendo que se tratava de temas, objetivos e métodos distintos, tais experiências subjetivas não alcançaram espaço na pesquisa interinstitucional. A subjetividade é entendida aqui como o “lugar onde e do qual o mundo é vivenciado”, mas também “através do qual o significado é construído e onde as sensibilidades, disposições e ações são cultivadas” (CONTRERAS; PEREZ DE LARA, 2010, p. 46).



Com a finalização desta pesquisa inter-institucional, estava certa da importância de trazer para o centro de uma pesquisa, o(a) estudante e a suas histórias de aprendizagem. O interesse também estava em conhecer as histórias que os(as) egressos(as) contam após suas formaturas: onde se encontram, se atuam no campo do ensino das artes visuais e ainda que significado o curso teve em suas vidas. Desconhecemos os caminhos que muitos trilharam e se a formação a distância impactou no contexto onde eles residem, cumprindo assim o objetivo da expansão da educação a distância pelo sistema Universidade Aberta do Brasil com a interiorização do ensino superior.

Diante disso, podemos nos perguntar: conseguiriam essas histórias de aprendizagem na EaD "diminuir" o preconceito contra os cursos a distância, amplamente divulgado pelos meios de comunicação através dos números, e que desconsideram a trajetória acadêmica desses estudantes?

Importante destacar que a pesquisa também tem como eixo discutir e problematizar a expansão da EaD nas instituições de ensino superior, públicas e privadas. Mesmo com a ampliação de oferta via Universidade Aberta do Brasil desde 2007, a rede de ensino privada tem se destacado no número de vagas. Enquanto a plataforma de suporte para a execução e gestão de cursos da Universidade Aberta do Brasil (SISUAB) registrou 5 instituições públicas de ensino superior que estão ofertando cursos de Artes Visuais - Licenciatura, a base de dados oficial dos cursos e instituições de Educação Superior (e-mec) registrou 52 instituições privadas que ofertam cursos de licenciatura em artes visuais a distância ou que foram autorizadas a ofertar. Mas é importante destacar também o número de vagas que ofertam as instituições públicas e as da rede privada. Instituições como Universidade de Brasília (UNB), Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT) e Universidade Estadual do Ceará (UECE) ofertam aproximadamente de 120 a 198 vagas cada uma através dos editais da UAB que não são anuais. Já nas instituições privadas de ensino superior como o Centro Universitário Anhanguera Pitágoras, por exemplo, consta a oferta de 5.000 vagas no ano de 2021. Importante registrar neste artigo que no ano de 2024, a



Universidade Federal de Goiás (UFG) por meio da Faculdade de Artes Visuais (FAV) iniciou a oferta institucional do curso de Artes Visuais -Licenciatura disponibilizando 30 vagas anuais.

Desafios e questões que a pesquisa tem avistado

Enquanto escrevia este texto, muitas perguntas e inquietações surgiram sobre histórias, trajetórias e práticas vivenciadas durante a oferta de turmas a distância na universidade. Uma delas, por exemplo, é até que ponto, a EaD tem promovido uma aprendizagem flexível e menos centrada na figura do professor? Estaria a “velha episteme” sendo apenas reinventada nas plataformas digitais de aprendizagem? Se os números indicam o crescimento exponencial da EaD, se afirmamos que as tecnologias digitais têm transformado nossa relação com o mundo, porque ainda rechaçamos a educação a distância como um modo legítimo e potente de ensinar e aprender? E ainda: como a educação a distância tem impactado a vida das pessoas?

Penso ser este - a educação a distância e a formação de arte-educadores - um tema importante e urgente a ser discutido no 33º Encontro Nacional da ANPAP que tem como proposta o tema VIDAS. Não podemos negar que a educação por meio das tecnologias digitais têm impactado em nossas práticas pedagógicas universitárias. Com a suspensão das aulas presenciais durante a pandemia de COVID-19, instituições, professores(as) e estudantes foram forçados a ‘experimentar’ outros modos de ensinar/aprender que em algum momento se aproximavam daquilo que a EaD preconiza. O ensino remoto emergencial (ERE), modelo de ensino e aprendizagem adotado pelas instituições de ensino superior no período pandêmico desafiou aqueles e aquelas que ainda ignoram a importância do acesso à educação por meio da TDIC.

Em relação ao tema da expansão x qualidade, é importante destacar que embora os referenciais de qualidade para a educação superior a distância (BRASIL, 2007) ofereçam critérios para organização de sistemas de EaD e contribuam para a regulação, supervisão e avaliação da modalidade, são as instituições, públicas e privadas, que assumem a responsabilidade em garantir uma formação “que contemple



a dimensão técnico-científica para o mundo do trabalho e a dimensão política para a formação do cidadão” (BRASIL, 2007, p. 7). Importante mencionar que nos últimos anos acompanhamos mudanças na regulamentação da oferta dos cursos a distância. Um exemplo disso, é o Decreto nº 9.057/2017 que visa a flexibilização da oferta de cursos a distância por parte das instituições, como por exemplo, realizar a avaliação apenas na sede da instituição de ensino e não mais nos polos de apoio presencial. Se os números continuam sendo o motivo de desconfiança, com tal flexibilização acompanhamos uma expansão ainda maior por parte das instituições privadas que já possuem o domínio das matrículas EaD no ensino superior. Alonso alerta para o perigo quando "o termo qualidade se converte no critério para afirmar ou negar a EaD como possibilidade educativa" (2010, p. 1322). Compete aos órgãos reguladores criar mecanismos de acompanhamento e avaliação dos cursos, mas compete a aqueles que acreditam na educação a distância como modalidade educativa, ampliar debates políticos e o número de pesquisas científicas para apontar o impacto e a contribuição da formação a distância ao contexto brasileiro de ensino superior, e nesta pesquisa, ao campo de formação de professores em artes visuais. Talvez assim, a EaD possa ser entendida e praticada como um "processo planejado e não acidental de aprendizado e ensino [...]" (MILL, 2018, p. 202).

Referências

ALONSO, Kátia Morosov. A expansão do ensino superior no brasil e a EaD: dinâmicas e lugares. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1319-1335, out.-dez. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v31n113/14.pdf> Acesso em: 2 de fev. 2019.

BOLÍVAR, Antonio; DOMINGO, Jesus; FERNÁNDEZ, Manuel. **La investigación biográfico-narrativa en educación: enfoque y metodología**. Madrid: Editorial La Muralla, 2011.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP). **Sinopse estatística da educação superior – 2000**. [online]. Brasília: Inep, 2001. Disponível em: < http://download.inep.gov.br/download/censo/2000/Superior/sinopse_superior-2000.pdf>. Acesso em jan. 2019.



BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da Educação Superior: Sinopse Estatística – 2017**. Disponível em: <<http://inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>>. Acesso em fev. 2019.

BRASIL. **Lei n. 13.005, de 25 de jun. de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm . Acesso em: 18 mar. 2017.

BRASIL. **Decreto nº 5800/2006**. [Brasília, DF], 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5800.htm> . Acesso em: 29 jan. 2019.

BRASIL. **Referenciais de qualidade para a Educação superior a distância**. [Brasília, DF], 2007 c. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf>>. Acesso em: 29 jan. 2019.

COSTA, Maria Luisa Furlan. Educação a distância no Brasil: perspectiva histórica. In: COSTA, *Maria Luisa Furlan*, ZANATTA, *Regina Maria Zanatta (Orgs)*. **Educação a distância no Brasil**: aspectos históricos, legais, políticos e metodológicos. Maringá: EDUEM, 2014. p. 11-20.

CONTRERAS, José; PEREZ DE LARA, Nuria. **Investigar la experiencia educativa**. Madrid: Morata, 2010.

HERNÁNDEZ, Fernando, UCKER, Lilian. Pesquisa em Ensino de Arte. In: Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Artes Visuais. Licenciatura em Artes Visuais: **módulo 8**. Goiânia: FUNAPE, 2013.

MAIA, Carmem; MATTAR, João. **ABC da EaD**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

MILL, Daniel. **Dicionário crítico de educação e tecnologias e de educação a distância**. Campinas, SP: Papirus, 2018.

MOORE, Michael; KEARSLEY, Greg. **Educação a distância**: uma visão integrada. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

PASSOS, Marize Lyra Silva. **EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA** [recurso eletrônico]: breve histórico e contribuições da Universidade Aberta do Brasil e da Rede e-Tec Brasil. Vitória, ES: edição do autor, 2018.

PEROTTO, Lilian. Reflexões entre pesquisa e experiência biográfica na formação de arte-educadores. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria: UFSM, v. 11, n. 2, p. 147-165, mai./ago. 2018.

PEROTTO, Lilian. De um tema de interesse a um projeto de investigação: trajetórias de estudantes da licenciatura em artes visuais a distância da FAV/UFG. In:



REBOUÇAS, M. & DADALTO, M. G. (Eds.), **Investigações nas práticas educativas da Arte**. Vitória, ES: EDUFES, 2012. p. 245-272.

TIFFIN, John; RAJASINGHAM, Lalita. A universidade virtual e global. Porto Alegre: Artmed, 2007.

Notas

ⁱ É doutora em Arte e Educação pela Universidade de Barcelona (Espanha). Professora associada na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (Brasil) e atua nos cursos de Licenciatura em Artes Visuais, modalidade presencial e a distância. Atualmente coordena a especialização a distância em Ensino de Artes Visuais: Abordagens Metodológicas e Processos de Criação (UAB/UFG). É professora na pós-graduação em Arte e Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais Email: lilianuckerperotto@ufg.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2343-973X> Lattes ID: **1120812742549842**